

Primeiras notas para um olhar fenomenológico sobre o Design: fenomenologia do projetar e teoria da ação

Eduardo Camillo K. Ferreira*

Resumo: O trabalho procura introduzir uma epistemologia do design de cunho fenomenológico. Calcado especificamente nos textos e pensamentos de Edmund Husserl e sua fenomenologia, esclarecemos alguns conceitos usados no trabalho, especificamente de mundo de vividos, e de atitudes frente ao fenômeno. Com isso, conduzimos uma análise da ideia de projeto propondo uma ontologia fenomenológica ao projetar como uma atitude frente ao mundo, e que deriva diretamente da atitude natural, extrapolando suas características realistas. Introduz ainda a possibilidade de desmembramento da análise por via de uma teoria da ação, que auxiliaria entender parte das consequências de tal atitude projetual para a área do design.

Palavras-chave: ontologia fenomenológica do projetar, design e projeto, teoria do design.

1. Introdução e justificativa

A literatura teórica do Design possui esparsos registros de aproximações com a fenomenologia se comparado com outros braços das ciências humanas, em geral se restringindo a análises de projetos, como auxílio à fase de pesquisa, ou a aproximações para tomá-la como parte da metodologia projetual. Olhares de caráter epistemológico ao campo (no sentido de compreensão da natureza do design, de sua definição ou constituição, ou seja, uma **epistemologia do design** de viés fenomenológico), no entanto, ainda são raros, sendo esta justamente a possibilidade que se nos mostra como uma das mais férteis atitudes fenomenológicas sobre o campo (senão a única, **de princípio**), e será esse ponto que apresentaremos neste texto.

Na definição para a fenomenologia como "ciência de 'fenômenos'"¹ ou "ciência 'eidética'"², Husserl acaba por localizá-la como a ciência que por direito estuda a intencionalidade e os objetos intencionais a partir do ponto de vista da própria consciência. Diferencia-se de qualquer análise ou ciência de abordagem "natural", ou seja, de realidades e factuais. O ponto do autor é fornecer por meio dessa ciência de essências uma base epistemológica que nem o empirismo puro ou positivismo empirista conseguiram (como se pode ver em seu argumento quanto ao fracasso do empirismo³). A suspensão de qualquer julgamento de existência no sentido de empreender um questionamento metódico do fenômeno (p.80), como simulação e não como questionamento efetivamente ontológico do

* Mestrando em Arquitetura na FAU/USP. Bacharel em Design pela FAU/USP.

¹ HUSSERL, E. (1913) *Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*, tradução de Márcio Suzuki. 2ª Ed., Editora Idéias & Letras: São Paulo, 2006, p.25

² HUSSERL, Op.Cit., p.28

³ HUSSERL, Op.Cit. p. 61-72

objeto fenomenológico, assim como para afastar-se de toda factualidade necessária para uma análise não situacional e sim essencial⁴.

As ideias de **intencionalidade, essência, objetos intencionais, consciência**, e outras trazidas pela fenomenologia nos fizeram crer numa possibilidade interessante de análise sobre o design desde 2009, quando iniciamos nossa aproximação a essa corrente filosófica. Apenas recentemente, no entanto, aventou-nos a possibilidade de, ao invés de olhar o design ou atividades do design em si, olhar a *atitude projetual* como possibilidade frutífera de análise fenomenológica, e por meio do “**projetar**” chegar no design (e ao mesmo tempo, olhar as demais áreas tradicionalmente projetuais, como arquitetura, engenharia etc.). Respalamos nosso empreendimento na própria ideia de Husserl para a fenomenologia em relação às ciências: possibilitar a construção de um terreno mais firme e seguro apenas pelo fato de compreender-se aspectos da *ontologia regional* que compreende determinado campo (elucidaremos esse ponto alguns parágrafos adiante).

O objetivo do presente trabalho é lançar tal aproximação a público com a única finalidade de levantar opiniões e críticas e promover o debate com outros pesquisadores, a fim de validá-lo e avaliá-lo em suas possibilidades. Trata-se de uma teoria em estágio embrionário, e espera-se que no certame em questão encontraremos um retorno frutífero sobre a mesma. Cabe ainda notar que muito provavelmente boa parte das visadas sobre o fenômeno do projetar, ou do design do ponto de vista da fenomenologia projetual, não serão contribuições inéditas ao que já se afirmou a respeito de ambos. Isso pois, assim como afirma Husserl, a fenomenologia não invalida as constatações já feitas pelas ciências de fato quando em atitude natural, senão antes organiza tais constatações fundamentadas nos fluxos de consciência e essências dos fenômenos em questão. Então, se constatações se repetirem, é não necessariamente por demérito dessa abordagem em reproduzir conceitos, senão antes por mérito próprio dos que vieram antes e desenvolveram consciência eidética da área projetual e do design.

Cabe ressaltar que não realizaremos uma introdução à fenomenologia aqui. Para tal finalidade, encaminhamos o leitor às obras de Salanski⁵, Sokolowsky⁶, Moran⁷, Spiegelberg⁸, e aos próprios originais de Husserl, e demais autores tradicionais da área. E da mesma maneira, o vocabulário usado no trabalho é o vocabulário técnico da fenomenologia. Termos como "intuição", "momento", "visada", "vividos", etc., estão em seu significado na fenomenologia, e não no sentido social comumente utilizado.

2. Revisão bibliográfica: fenomenologia na literatura do design

A possibilidade frutífera de aproximar a fenomenologia do design se reflete, certamente, na variedade (que não deve se confundir com quantidade) de abordagens produzidas em cima dessa ideia.

⁴ MORAN, D. Introduction to Phenomenology. London & New York: Routledge, 2000, p. 132-133

⁵ SALANSKI, J-M. HUSSERL. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2006

⁶ SOKOLOWSKY, R. Introdução à Fenomenologia. São Paulo: Editora Loyola, 2004

⁷ MORAN, Op.Cit.

⁸ SPIEGELBERG, H. The Phenomenological Movement: A Historical Introduction, 2nd edition, vol. 1 and 2, The Hague: Martinus Nijhoff, 1965

O levantamento bibliográfico nos apresenta quatro abordagens distintas baseadas na fenomenologia, variando conforme leitura da teoria e resultados almejados. **1.** Há, primeiramente, uma fenomenologia de caráter Hermenêutico, onde o entendimento da vivência do usuário seria o foco do problema e a descrição fenomenológica um dos principais meios de alcançar o mesmo; **2.** Há outra de viés cognitivo e perceptivo, onde desenvolvimentos analíticos da relação do corpo, percepção e design são os principais pontos de interesse, e tornam-se base à projeção, não enquanto método, mas enquanto insumo ao projeto. **3.** Há, ainda, o viés metodológico, onde aproveita-se da própria metodologia desenvolvida na escola filosófica para se desenvolver de maneira análoga; **4.** E por fim, encontramos um viés epistemológico, que toma a fenomenologia não como fornecedora de insumos, nem como método projetual ou hermenêutico, senão como base filosófica para a constituição de uma epistemologia do campo, proposta da qual nossa linha de pensamento mais se aproxima.

Para a primeira abordagem, o autor Bernard Bürdek, em *Design: História, Teoria e Prática*⁹, dedica um tópico do capítulo "Design e Metodologia" a como a Fenomenologia, junto da Semiótica e Hermenêutica, influenciou a prática do design e em quais contextos se materializaram. A aproximação de Bürdek, no entanto, restringe-se também a investigação da experiência do usuário:

Como método fenomenológico pode ser designado um procedimento onde se procura entender a vida das pessoas de forma integral, com a inclusão do dia-a-dia e do ambiente. Apenas com mergulho no mundo da vida diária é que se pode compreender os objetos da vida diária¹⁰

Os exemplos seguidos pelo autor são análises do uso e impacto do Walkman, do controle remoto, materiais, entre outros na vida de usuários. Não há menção, entretanto, a qualquer possível estudo epistemológico do design ou do projetar sob o olhar fenomenológico.

Na mesma linha da proposta de Bürdek, alguns artigos no *Journal of Engineering Education* utilizam uma abordagem fenomenológica que chamam por **Phenomenografia**¹¹ para entender aspectos internos de pessoas sobre determinados assuntos (termo possivelmente mais adequado a tratar de análises de objetos sob a intencionalidade de outrém do que o uso de Bürdek e autores comentados sob o nome da Fenomenologia). Outro exemplo foi encontrado também no *Call for chapters* de um livro sobre Filosofia do Design, feito pelo autor Stéphane Vial, onde este elencou a fenomenologia como parte dos possíveis assuntos a serem abordados, descrevendo dessa maneira: “(...) *phenomenology of design: the use of hermeneutics in design processes and in design projects considered as lived experiences*”¹².

⁹ BÜRDEK, Bernard. *Design: História, Teoria e Prática do Design de Produtos*. 1ª Ed. São Paulo: Editora Blucher, 2006

¹⁰ BÜRDEK, Bernard. *Op.Cit*, p.240

¹¹ DALY, S.; ADAMS, R.; BODNER, G. What does it Mean do Design? A Qualitative Investigation of Design Professionals' Experiences, in *Journal of Engineering Education*, April 2012, vol. 101, No. 2, pp. 187-219

¹² VIAL, S. *Call for chapters // Philosophy of Design: An Exploration // Edited volume at Springer* [mensagem de fórum online]. Publicado em 7 Mai 2015. Acessado em 20 Mai 2016. Disponível em: <https://www.jiscmail.ac.uk/cgi-bin/webadmin?A2=ind1505&L=PHD-DESIGN&P=R4060&1=PHD-DESIGN&9=A&J=on&d=No+Match%3BMatch%3BMatches&z=4>

Na segunda abordagem, focada na percepção, vemos no design de interações uma grande quantidade de pesquisas em cima do trabalho de Maurice Merleau-Ponty¹³ sobre percepção, corpo e interação ("*embodied interaction*"), onde a própria fenomenologia estaria nas bases de teorias de *Human-Computer Interaction* (HCI). Essa abordagem pode ser encontrada em alguns trabalhos como o de Paul Dourish¹⁴, ou de Smyth¹⁵, entre outros. O foco, entretanto, de tais pesquisas reserva-se à observação fenomenológica da percepção (e por isso derivam diretamente de Merleau-Ponty), e das consequências para a interação humano-máquina dessa perspectiva. Existem diversas pesquisas da área de arquitetura nesse mesmo caminho de análises perceptivas (como Wang, D. & Wagner¹⁶).

No Brasil, encontramos duas situações onde a terceira abordagem, metodológica, aparecem no P&D Design. Na edição de 2008, foi publicado o trabalho *Design e fenomenologia: pensando o método por meio de uma leitura sobre experiência, vivência e intuição*, de Rodrigo Gonçalves dos Santos¹⁷. No P&D Design de 2014, Wagner Bandeira e Cleomar de Sousa Rocha apresentaram o artigo *A Fenomenologia como Método de Investigação do Design de Experiência*¹⁸. Em ambos os casos, a abordagem é explicitamente metodológica. No primeiro caso, Santos afirma que: "Podemos, então, considerar a fenomenologia como base filosófica de um possível método que visa a percepção dum objeto na sua globalidade, tal como ele se apresenta fisicamente à consciência"¹⁹. A fenomenologia, ciência de essências, seria a maneira de sair do metodologismo cientificista do pós-guerra para retornar às coisas mesmas e às perguntas necessárias a projetar tais coisas. Utilizando-se especificamente de Merleau-Ponty, o autor não chega a sugerir a metodologia de fato, senão antes indica a fenomenologia como interessante possibilidade.

O mesmo acontece no trabalho de Bandeira & Rocha²⁰. No viés do Design da Experiência, os autores utilizam-se também de Merleau-Ponty (embora seja o Merleau-Ponty comentando Husserl, mais do que o trabalho do próprio autor) para construir a ideia de uma metodologia para avaliação e alcance nalgum nível da UX (*User Experience*) do ponto de vista do próprio usuário, mas também não concretizam a proposta metodológica. A menção a Donald Norman talvez insinue que a abordagem seria próxima da psicologia fenomenológica, e não tanto pela metodologia filosófica em si.

¹³ MERLEAU-PONTY, M. (1945) *Fenomenologia da Percepção*, tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. Coleção Biblioteca do Pensamento Moderno, 4ª ed., São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011

¹⁴ DOURISH, P. *Where The Action Is: The Foundations of Embodied Interaction*, MIT Press: EUA, 2011

¹⁵ SMITH, M. *Haunting Space - The Role of the Body in Design Interaction*. In *Proceedings of the 7th International Design Conference*, Dubrovnik, 2002. ISBN 953-6313-45-6

¹⁶ WANG, D. & WAGNER, S., *A Map of Phenomenology for the Design Disciplines*, in *Environmental & Architectural Phenomenology*, vol.18, 2007 p. 10

¹⁷ SANTOS, R. G. *Design e Fenomenologia: pensando o método por meio de uma leitura sobre experiência, vivência e intuição*, in *Anais do 8º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design [=P&D Design 2008]*, São Paulo: 2008

¹⁸ BANDEIRA, Wagner; ROCHA, Cleomar de Sousa; *a fenomenologia como método de investigação do design de experiência*, p. 1167-1177 . In: *Anais do 11º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design [= Blucher Design Proceedings, v. 1, n. 4]*. São Paulo: Blucher, 2014. ISSN 2318-6968, DOI 10.5151/designpro-ped-00400

¹⁹ SANTOS, R. G. *Design e Fenomenologia: pensando o método por meio de uma leitura sobre experiência, vivência e intuição*, in *Anais do 8º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design [=P&D Design 2008]*, São Paulo: 2008

²⁰ BANDEIRA, Wagner; ROCHA, Cleomar de Sousa; *Op.Cit.*

Por fim, para a quarta abordagem temos como exemplo o caso do mestrado de Marcos Namba Beccari²¹, calcado nos estudos do Imaginário, de influência junguiana. Apresenta a fenomenologia como uma das bases tanto ao próprio imaginário, quanto à teoria do conhecimento que calca o estudo (no caso, a Teoria do Conhecimento de Hessen²²). No entanto, o foco do trabalho não está nas implicações e análises fenomenológicas diretamente sobre o campo.

3. Novo aporte: fenomenologia como ontologia e não como insumo projetual

Do levantamento realizado, nossa proposta aproxima-se especialmente do quarto ponto (visada epistemológica da fenomenologia por sobre o design), embora a abordagem geral torne-se bastante diferente pela nossa tentativa de entendimento ontológico do **projetar** pela fenomenologia, ou seja, qual a constituição do projetar, ou qual sua estrutura de acontecimentos²³. Assim, nossa linha será totalmente calcada na fenomenologia, mais especificamente nos escritos de Edmund Husserl e comentadores. Nalgumas passagens, comentamos sobre outros autores que se apoiam em Husserl para suas teorias, como será o caso de Paul Ricoeur e Jean-Paul Sartre, sem fugir do autor original.

Curiosamente, a proposta de Santos²⁴ aproximou-se dessa maneira de olhar o design, mas não desenvolveu-a. Podemos perceber isso no trecho onde diz que a:

(...) metodologia clássica do design ocupa-se quase que exclusivamente dos métodos de ação física (amplamente documentados), enquanto que até hoje não se trabalhou uma descrição extensa dos métodos de ação intelectual no design. Descrever os métodos de ação intelectual se torna necessário pois as novas tendências do design indicam cada vez mais a aplicação de métodos semióticos (de signos) e hermenêuticos (de interpretação)".²⁵

Embora o autor comente dos diversos métodos de ação intelectual no design, acaba por focalizar unicamente nas questões metodológicas desses métodos. Em vez de sugerir ou efetuar uma descrição pormenorizada de tais métodos intelectuais tão particulares ao design, termina por propor que um outro método, o fenomenológico, torne-se a base para a constituição do mesmo.

Nossa abordagem difere radicalmente desse rumo, e vê que o olhar de fato a tais ações intelectuais do campo é que possibilitariam a revisão imaginada pelo autor. A simples importação metodológica soa inócua se a base epistemológica não se encontra fundamentada

²¹ BECCARI, Marcos Namba (2012). Articulação Simbólica: uma abordagem junguiana aplicada à Filosofia do Design. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Paraná - UFPR, Curitiba: 2012

²² HESSEN, J. (1925). Teoria do Conhecimento. Trad. João Vergílio Gallenari Cuter. 2ª Ed., São Paulo: Martins Fontes, 2013

²³ Nosso interesse de compreender a ontologia do *projetar* assemelha-se ao desejo de Sartre de entender o ser do **aparecer intencional**, ao que ele diz que, fenomenologicamente, o ser do *aparecer* é sua própria capacidade de aparecer, ou seja, podemos intuir fenomenologicamente o aparecer justamente por essa sua capacidade, e não há ser no aparecer senão pela sua própria constituição de *aparecer*. O jogo de palavras é confuso, mas a solução ao entendimento está em ver que se trata de uma investigação fenomenológica do fenômeno do aparecer (afinal, se conseguimos entender que as coisas aparecem a nós, se mostram a nós, conseguimos, portanto, ver esse dado da *aparicação*, e o entendimento de sua ontologia é entender qual é a natureza de tal *aparicação*). Assim, não assumimos o *projetar* como um ser a ser tocado, algo físico ou metafísico, nem nada do tipo. Pelo contrário, queremos entender qual é a natureza do projetar, quando ele se mostra, e como ele se mostra, entendendo-o como objeto intencional que se dá à consciência.

²⁴ SANTOS, Op.Cit.

²⁵ SANTOS, Op. Cit.

para essa investida (qual a justificativa para adoção de nova estrutura metodológica, ainda mais de maneira arbitrária como seria tomar o método fenomenológico, de natureza filosófica, a uma atitude de projeto?).

a. **Fluxos de Vivências e Mundos Intencionais**

É por esse desejo de um olhar fenomenológico sobre as bases intelectuais do design que nosso foco está no **projetar**, e em entender quais são suas características e ontologias fenomenológicas. Cabe, assim, localizar onde se localiza o *projetar* dentro do universo de vivências e mundos da fenomenologia.

Husserl apresenta a ideia de *Ontologia Regional* no primeiro capítulo de *Ideias*..²⁶. O autor inicia distinguindo as ciências de estados de coisas (portanto, contingentes) das ciências de estados de essência (designadas como universais). Para a primeira, atribuem-se os fatos, enquanto para a segunda, as essências em geral. Coloca-se a seguir que toda essência de fato depende e constrói-se sobre as ciências de essência, enquanto esta possui total autonomia da primeira para acontecer (haja visto a matemática, que Husserl insistentemente utiliza como exemplo de ciência completamente eidética, ou seja, de essências, e ausente de fatos. Ao contrário dela, pura eidética, toda manifestação de *fatos* das demais essências calcam-se nalgum momento sobre a matemática. Aponta a física como um exemplo dessa relação de dependência sobre a primeira). E toda ciência de fatos, por constituir-se sobre ciências de essência, melhor desenvolve-se quando tais essências são desveladas. Sua racionalidade só chega ao ápice após a compreensão de tais essências. E não há maneira de chegar em essências puras que não seja pela total abstração (e até abstenção) da factualidade: torna-se necessário, assim, a *epoché*, ou redução fenomenológica, que é olhar para o problema em questão retirando-se do horizonte todas características singulares de factualidade (entre elas, a existência), e emergindo apenas o universal, ou seja, o que há de essencial, sua característica mais profunda como objeto de consciência.

Desse modo, Husserl instaura a mudança de atitude, da chamada **orientação natural** (focalizada no mundo de fatos, na vivência corriqueira) para a **orientação fenomenológica** (focalizada em essências e em análises que fazem emergir essências).

Tais diferenças de orientação trazem implicações à maneira como vemos o mundo. Pode-se dizer que, quando estamos *pensando matematicamente*, pelo seu caráter de ciência de essência, estamos numa orientação diferente da simples atitude natural justamente por tratar de questões de um objeto-de-essência e não de um objeto-de-fato, e mesmo lidando com objetos-de-fatos, como calcular a quantidade do troco a ser devolvido, a atitude empregada em tal cálculo é, em última instância, uma atitude de essência numérica e matemática.

Moran²⁷ aponta que, para Husserl, a existência dessas outras atitudes intencionais não deva ser colocada em paralelo à atitude natural, mas *dentro* dela, ou *fundada* nela:

Other [than natural] attitudes may arise – if specifically motivated – only within or founded on this natural attitude. It is crucial to recognize that Husserl’s lifelong meditations on the nature of science are illuminated by his recognition that the objectivist, scientific attitude and the

²⁶ HUSSERL, Op. Cit. P.44

²⁷ MORAN, Op. Cit.

formal mathematical attitude are both abstractions from the natural attitude and in a sense, presuppose it.²⁸

A essas diferentes atitudes, chamamos diferentes **mundos intencionais**²⁹, sendo a intencionalidade entendida como *o próprio movimento do sujeito em direção* ao objeto.

Os mundos intencionais são nossas diferentes maneiras de operação dessa intencionalidade: se a consciência é sempre consciência *de* alguma coisa, a natureza dessa determinada coisa, ou a natureza de como a estamos olhando (nossa atitude perante ela) deve implicar em diferentes formas de doação à consciência, e, portanto, diferentes modos de movimento do sujeito ao objeto. Naturezas factuais diferem-se intencionalmente de naturezas essenciais, assim como seus subtipos e graus de evidência.

Portanto, segundo Husserl, estamos entre mundos destituídos de qualquer relação uns com os outros (...). Flutuamos de um mundo a outro, somos essencialmente e antes de tudo esse mover (...). Mas, se podemos flutuar assim, encontrar a entrada e saída dos mundos (...), é porque há um território de nossas aventuras, de nossas veleidades, de nossos deslizamentos. Uma imanência na qual estamos constantemente perdidos. Durante toda a sua vida, Husserl chamou esse lugar de imanência de fluxo heraclítico dos vividos.³⁰

O fluxo de vividos, para Husserl³¹ possui diversas manifestações em nossa consciência, quer seja de uma intuição atual do que está então à nossa frente, quer seja de uma intuição correlata do atual, quer seja de uma intuição colateral ou periférica, ou mesmo de uma intuição passada, revivida concomitante à intuição atual, modificando-a em nosso entendimento, e inclusive vividos de essências puras (sem conteúdo psicológico), derivados de conhecimentos essenciais puros (Salanski³² faz uma explicação simples e clara sobre vividos e intencionalidade, onde comenta sobre os conteúdos hiléticos, as *noeses* e os *noemas* e seu papel na intencionalidade).

Adentrar-se em diferentes atitudes para diferentes mundos intencionais implica, igualmente, que diferentes vividos são produzidos e ativados. Husserl fala constantemente da matemática, mas podemos falar de outros, tais como a lembrança, a empatia, etc.

b. Primeiros desenvolvimentos para uma ontologia fenomenológica do projetar

Compreendendo melhor nossa capacidade de ter atitudes perante o mesmo mundo doado a nós, partimos à descrição fenomenológica do projetar propriamente dita. A descrição fenomenológica aqui realizada visa perceber as nuances de um momento projetual quando comparada com outras ações executivas, bem como perceber as fronteiras e proximidades dentre diversas áreas que se utilizam de pensamento projetual para realizar-se. Não é, portanto, uma análise restrita ao campo do design, mas a uma gama grande de atividades com viés de projeto. E seguindo a tradição de análises fenomenológicas, será feita na primeira pessoa, que é a única instância onde está o fenômeno apodítico.

²⁸ MORAN, Op.Cit, p.55

²⁹ Que não deve ser entendido de maneira literal, mas como uma diferente maneira de olhar o mundo, uma diferente atitude perante o que se doa à consciência.

³⁰ SALANSKI, Op. Cit, p.31

³¹ HUSSERL, Op. Cit. p.87-89

³² SALANSKI, Op. Cit. p.60

Quando me vejo olhando um problema ou necessidade de ação com uma finalidade bem ou mal definida, mas com uma finalidade, é o momento que identifico como “estar projetando”. Quer seja a concretização de um projeto gráfico, de uma construção de ambiente, solução de um mecanismo de engrenagens, desenho de uma vestimenta específica, ou a criação de uma nova receita culinária, estou numa posição de indefinições e impasses à concretização de tal tarefa.

Importa ressaltar tanto o caráter de indefinição, quanto de ação, ambos momentos da minha atitude frente ao fenômeno que se faz presente. O debruçar-se característico do projetar é um debruçar-se “inquisidor”, de procurar no dado presente as relações que possam interpretar e preencher as indefinições e lacunas impostas pelo problema. O sentimento de preenchimento de lacunas é patente, é um dos momentos da atitude projetual, junto da averiguação por pedaços que complementem o problema.

O uso da palavra “inquisidor” no parágrafo anterior não é ao acaso, e muito menos exagerado, pois a agonia (em maior ou menor grau) da indefinição e da momentânea incapacidade de preenchimento de partes das lacunas do problema são um perigo à análise do dado evidente, que pode resultar em interpretações forçadas, e provavelmente inadequadas do problema, especialmente em suas causalidades (e é interessante como quando projeto, não tenho pudores na aferição de causalidades como numa análise mais científica teria. Essa aferição e resguardo é *a posteriori*, depois do *insight*). Quando pelo contrário, consigo me atentar às essências dos dados, e assim dar significado às lacunas baseando-me na relação entre as partes do problema, assim chego a um *insight* condizente com o fenômeno, possivelmente efetivo quando em realização.

O reconhecimento das relações que me levam dar determinado significado ao problema pode ter diversas naturezas. Pode ser um movimento de caráter dedutivo, especificamente lógico, e com um grau de efeito mais localizado, restrito e situacional no problema como um todo, dando conta apenas de uma parte do mesmo. Outra possibilidade seria o reconhecimento da relação ter um caráter mais indutivo, que generaliza tal significado a todo um grupo de problemas. Husserl localiza a indução como algo normal e generalizado da atitude natural (Husserl³³, *apud* Banchetti-Robino³⁴), como uma forma de assumirmos pontos gerais sobre o presente, passado e possibilidades futuras de assuntos mesmo cotidianos, e não apenas do campo científico, ao que ele identifica como “variação eidética”, de cuja finalidade se extraem insights de essências (Levin, 1968, e Morris, 2005). A partir do *insight* relacional que formulo, tenho um momento da atitude projetual resolvido, que é o da indefinição primordial.

Descolado por alguns instantes da indefinição que embasa o princípio da atitude projetual, passo a testar a hipótese formulada. Tal teste pode ser realizado mentalmente, por meio de artifícios materiais, ou de qualquer maneira que eu valide de alguma maneira minhas ideias do problema levantado. Não precisa se tratar ainda de, de fato, uma solução a ele. Pode ser apenas a validação da relação encontrada.

³³ HUSSERL, Edmund. *The Crisis of the European Sciences and Transcendental Phenomenology: An Introduction to Phenomenological Philosophy*. Indiana: Northwestern University Press, 1970, p. 31 e 51

³⁴ BANCHETTI-ROBINO, Marina Paola. *Phenomenology of Science and the Problem of Induction*. In *Logic and Scientific Methods, Volume One of the Tenth International Congress of Logic, Methodology and Philosophy of Science*. Florence, August 1995. ISBN 0-7923-4385-9

Esse processo todo de um momento projetual repete-se em maior ou menor número, em diversos graus, com maior ou menor extensão, e maior ou menor acuidade conforme o problema e dados que tenho apresentados. O alcance desse movimento frente à realidade é muito variado e extenso. Encontrar soluções para pequenos problemas, tais que uma pequena “gambiarra”, ou problemas de extensão e complexidade gigantescos (chamados *wicked problems*), o movimento projetual é o mesmo.

Da descrição acima nos chama a atenção como o projetar termina sendo muito mais uma atitude frente ao dado que um conjunto de métodos ou de ações que repetimos ou sistematizamos para olhar tal dado.

Todas as evidências apontam que a matéria, processo e resultado do projetar são do grupo dos fatos. E se a busca por essências de fatos implica em uma ciência de fatos para organizar-se, e estas tiram implicações e dados e ciências de essência (como a lógica, matemática etc.), podemos dizer que tão importante quanto reconhecer a factualidade do projetar é encontrar seus fundamentos eidéticos mais gerais. Paralelamente, tal ciência de fatos (aqui importa mais ater-se ao vocabulário husserliano do que caracterizar o projetar como efetivamente uma ciência) possui característica intencional acordada com sua natureza material, ou seja, a dos fatos. A atitude que impera na vivência de tais ciências de fatos necessariamente está de acordo com essa natureza factual e sua região eidética correspondente.

Tais descrições do projetar nos levam a crer que uma fenomenologia da ação teria apenas a contribuir para a fenomenologia do projetar, e esta encontra profundo material na obra de Paul Ricoeur, por exemplo, em sua *Fenomenologia da Vontade*, e *O Discurso da Ação*, entre outros livros (a produção do autor não será abordada aqui, por ora, e a reservamos como futura leitura, posterior a esse trabalho, dadas as importantes diferenças entre a produção de Ricoeur e Husserl quanto à fenomenologia).

Ainda assim, embora o projetar conecte-se logicamente a uma teoria da ação pela efetivação do conteúdo do projeto, ele se mostra como um processo de retroalimentação: é o fato (um fato qualquer) que gera vivências e essências para, pelo projetar, se formar em projeto (projeto construído sob os dados daquele fato), o qual, quando efetivado, reverte-se novamente em ação de outrem, o usuário ou vivenciadores daquilo, com novos fatos e essências ao mesmo ou novo projeto. Os pressupostos teleológicos do fato fundador da vivência do projeto afetam, mas não implicam em uma teleologia para o próprio projeto, o qual também não gera implicação na vivência e ação teleológica do usuário ao final do processo. São processos imbricados, ligados, mas não estanques e fechados. Como diferentes fluxos de vividos perpassam diferentes espaços das relações entre insumos, projetiva, manifestação e posterior uso, as construções teleológicas de cada fase não são determinísticas.

E ressalta-se da natureza mental do projetar: embora faz-se uso de ferramentas e manifestações diversas do conteúdo então em projeto para verificar hipóteses ou validar dados e cálculos, o projetar dá-se inicialmente no nível do raciocínio e imaginação, quando muito em situação compartilhada (discussão de projeto), mas mesmo nessa situação o *insight*, a análise e raciocínio abduutivo todo se dá individualmente e mentalmente. O nível da ação se dá na efetivação do projeto, mas seu estatuto inicial, sua constituição primeira, não é enquanto ação, mas enquanto um tipo específico de olhar analítico sobre o fato.

De todas essas observações, intuímos que o projetar não se resume a um tipo de ação, ou de resultado intelectual. Nossa hipótese aqui é que, pelos elementos que constituem o *projetar* (tais que: sua natureza de olhar sobre o factual; a necessidade teleológica de princípio mas não de consequência; sua fundação em ciências de essência; movimentos indutivos, dedutivos — e possivelmente abduativos — para debruçar-se sobre o problema; a busca de consequências factuais e de correspondente ação para tais problemas, portanto ligado a uma fenomenologia da ação; e sua particularidade de dar-se inicialmente em situação de imaginação e supor uma situação de ação), temos insumo suficiente para desconfiar que **a ontologia do projetar é, fenomenologicamente falando, um tipo de atitude frente ao mundo**, portanto **uma Atitude Projetual**. E por atitude, o equiparamos à atitude aritmética, ou à atitude psicológica, ou seja, uma atitude fundada na atitude natural, mas com desmembramentos próprios, e que são nossa maneira de olhar o fenômeno. Ou seja, afirmamos que, quando adentramos em situação de projeto, estamos saindo da atitude condizente ao mundo natural ou a quaisquer dos mundos antes observados por Husserl, para então colocarmo-nos uma atitude projetual, com um fluxo e estrutura intencionais particulares a esse mundo, e, portanto, diferente dos anteriores, embora a diferença aqui seja que, no geral, é justamente a atitude natural que fornece o insumo necessário à intuição projetual (portanto, funda-se nela).

4. Considerações Finais e Futuros Desenvolvimentos

O próximo passo seria averiguar as implicações de tal atitude projetual ao design. A mudança epistemológica que demos ao projetar certamente possui desmembramentos importantes à própria natureza do design (assim como das demais áreas projetuais), inclusive (agora sim) metodológicas. Fundamentar as categorias ontológicas do projetar, e do design (tanto consequentemente, quando especificamente) possibilita o entendimento das capacidades a serem melhor desenvolvidas e otimizadas para que a atitude projetual aconteça em sua plenitude.

Não desenvolvemos, infelizmente, tal discussão e descrição de maneira satisfatória ainda. Portanto, não apontaremos muito mais sobre o assunto nesse trabalho. Apenas indicaremos que não são poucas as análises, descrições e reduções que precisarão ser atentadas. Algumas, por exemplo, são da natureza do design (como prática), do designer (como prático), da especialização de tal postura atitudinal etc. Tal desenvolvimento será apresentado num trabalho futuro, após as primeiras discussões sobre essas ideias iniciais.

Por hora, acreditamos que o proposto aqui constitui um novo aporte à discussão teórica e epistemológica do campo, e propõe diálogos e debates interessantes com outras vertentes da teoria do design, como a semiótica (haja visto que falamos algumas vezes por aqui de a atitude projetual *dar sentido* ao problema e às soluções), metodológica, entre outros.

First Notes for a Phenomenological Approach on Design: a phenomenology of designing and a theory of action

Abstract: The work aims to introduce an epistemological phenomenological approach of design. Based specifically in the texts and thoughts of Edmund Husserl and his phenomenology, we clarify some concepts used in the work,

specifically of *world of livings*, and *attitudes* toward the phenomenon. Thus, we conducted an analysis of the project idea by proposing a phenomenological ontology of *designing* as an attitude towards the world, which derives directly from the natural attitude, extrapolating its realistic basis. It also introduces the possibility of dismembering the analysis by means of a theory of action, which would help understand some of the consequences from this attitude towards the design area.
Keywords: *phenomenological ontology of designing, project and design, design theory.*

Bibliografia

BANCHETTI-ROBINO, Marina Paola. Phenomenology of Science and the Problem of Induction, in Logic and Scientific Methods, Volume One of the Tenth International Congress of Logic, Methodology and Philosophy of Science. Florence, August 1995. ISBN 0-7923-4385-9

BANDEIRA, Wagner; ROCHA, Cleomar de Sousa; a fenomenologia como método de investigação do design de experiência, p. 1167-1177 . In: Anais do 11º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design [= Blucher Design Proceedings, v. 1, n. 4]. São Paulo: Blucher, 2014. ISSN 2318-6968, DOI 10.5151/designpro-ped-00400

BECCARI, Marcos Namba (2012). Articulação Simbólica: uma abordagem junguiana aplicada à Filosofia do Design. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Paraná - UFPR, Curitiba: 2012

BÜRDEK, Bernard. Design: História, Teoria e Prática do Design de Produtos. 1ª Ed. São Paulo: Editora Blucher, 2006

DOURISH, P. Where The Action Is: The Foundations of Embodied Interaction, MIT Press: EUA, 2011

DALY, S.; ADAMS, R.; BODNER, G. What does it Mean do Design? A Qualitative Investigation of Design Professionals' Experiences, in Journal of Engineering Education, April 2012, vol. 101, No. 2, pp. 187-219 - acessado em 08/03/2015, disponível em: <http://career.engin.umich.edu/wp-content/uploads/sites/7/2013/06/What-does-it-mean-to-design-JEE-Apr-2012.pdf>

HESSEN, J. (1925). Teoria do Conhecimento. Trad. João Vergílio Gallenari Cuter. 2ª Ed., São Paulo: Martins Fontes, 2013

HUSSERL, E. (1913) Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica, tradução de Márcio Suzuki. 2ª Ed., Editora Idéias & Letras: São Paulo, 2006

_____. The Crisis of the European Sciences and Transcendental Phenomenology: An Introduction to Phenomenological Philosophy. Indiana: Northwestern University Press, 1970

LEVIN, David Michael. Induction and Husserl's Theory of Eidetic Variation. In Philosophy and Phenomenological Research 29, no. 1 (1968): 1-15.

MERLEAU-PONTY, M. (1945) Fenomenologia da Percepção, tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. Coleção Biblioteca do Pensamento Moderno, 4ª ed., São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011

MORAN, D. Introduction to Phenomenology. London & New York: Routledge, 2000

MORRIS, David. Bergsonian Intuition, Husserlian Variation, Peircean Abduction: Toward a Relation between Method, Sense and Nature. In The Southern Journal of Philosophy 43 (2005), 267-298

SALANSKI, J-M. HUSSERL. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2006

SANTOS, R. G. Design e Fenomenologia: pensando o método por meio de uma leitura sobre experiência, vivência e intuição, in Anais do 8º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design [=P&D Design 2008], São Paulo: 2008

SARTRE, J P (1943). O Ser e o Nada: Ensaio de Ontologia Fenomenológica. 22ª edição, São Paulo: Editora Vozes, 2013

SMITH, M. Haunting Space - The Role of the Body in Design Interaction. In Proceedings of the 7th International Design Conference, Dubrovnik, 2002. ISBN 953-6313-45-6

SOKOLOWSKY, R. Introdução à Fenomenologia. São Paulo: Editora Loyola, 2004

SPIEGELBERG, H. The Phenomenological Movement: A Historical Introduction, 2nd edition, vol. 1 and 2, The Hague: Martinus Nijhoff, 1965

VIAL, S. Call for chapters // Philosophy of Design: An Exploration // Edited volume at Springer [mensagem de fórum online]. Publicado em 7 Mai 2015. Acessado em 20 Mai 2016. Disponível em: <https://www.jiscmail.ac.uk/cgi-bin/webadmin?A2=ind1505&L=PHD-DESIGN&P=R4060&1=PHD-DESIGN&9=A&J=on&d=No+Match%3BMatch%3BMatches&z=4>

WANG, D. & WAGNER, S., A Map of Phenomenology for the Design Disciplines, in Environmental & Architectural Phenomenology, vol.18, 2007 p. 10, acessado em 08/03/2015, disponível em: <http://www.arch.ksu.edu/seamon/Wang&wagner07.htm>